
MICHELET E A QUESTÃO DA LINGUAGEM¹

Michelet and the question of language

Maria Juliana Gambogi Teixeira²

RESUMO: Considerações em torno do tema da linguagem (seus desafios e suas potencialidades) são uma constante na obra do historiador francês oitocentista Jules Michelet. A relevância desse tema na obra micheletiana encontra suas primeiras manifestações nos diários e, em particular, nos *Escritos de Juventude*, compilação de manuscritos privados, recobrando os anos de formação do historiador. O objetivo deste artigo é retrazar a maneira singular como o jovem Michelet se apropriou dessa temática, encontrando, na linguagem, um caminho epistêmico capaz de relacionar história e literatura.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem, Michelet, diário.

RÉSUMÉ: L'œuvre de Jules Michelet ne cesse de revenir autour de la thématique langagière (ses défis, ses potentialités). Les toutes premières notations de l'historien sur ce sujet s'y trouvent dans *Écrits de jeunesse*, ensemble d'autographes recouvrant les journaux (intimes et des idées), seul témoignage relatifs aux années de formation de Michelet. Le but de cet article est de retracer la façon dont l'approche de cette thématique par le jeune Michelet dévoile une façon originale de concevoir les liens entre la littérature et l'histoire.

MOTS-CLEFS : langage, Michelet, journal

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos *topoi* que fizeram a fama de Jules Michelet (1798-1874), um dos mais perenes e produtivos desenvolve-se em torno do que se poderia chamar de “questão da linguagem” do historiador.³ Retomado e desenvolvido ao longo de toda a obra micheletiana, ele se declina de várias

1 Este artigo deve muito às sugestões do parecerista responsável, a quem agradeço a cuidadosa leitura.

2 Professora de Língua e Literatura Francesa universidade Federal de Minas Gerais.

3 A ideia de uma “questão da linguagem” faz referência à maneira como o século XIX francês, sobretudo em sua primeira metade, costumava batizar seus temas mais candentes. O mais explícito exemplo é a onipresente “questão social”, tratada incessantemente pelos autores do período, e que remetia ao problema da desigualdade, sobretudo econômica, a que a intelectualidade de então tentou aportar inteligibilidade e soluções.

maneiras, a exemplo da célebre formulação em torno de uma inalcançável língua do povo, presente em *Nossos Filhos*, de 1869:

Nasci povo, tinha o povo no coração. Os monumentos de seus velhos tempos foram o meu encanto. Em 1846, pude afirmar o direito do povo como não se fez mais; em 1864, sua longa tradição religiosa. Mas a sua língua, sua língua, ela me era inacessível. Não pude fazê-la falar. (MICHELET, 1987, p. 498)⁴

Essa queixa de final de carreira, conquanto sendo também confissão de um fracasso, é, sobretudo, uma das muitas variações em torno dos desafios da linguagem encarados pelo historiador.

Em 1857, por exemplo, o tema ganha, em seu *Diário*, a forma de uma “nova língua”, que seria preciso ousar: “Ousar uma nova língua, não a língua da inocência bárbara, que tudo dizia sem se enrubescer, (...) mas, sim, a da ternura moderna” (MICHELET, 1976, p. 334).

Quinze anos antes, o mesmo *Diário* propõe outra declinação, muito requisitada quando se trata de caracterizar a vocação “ressurreicionista” dessa historiografia. Trata-se do trecho em que o historiador diz ser preciso:

...ouvir as palavras que jamais foram ditas, (...) fazer falar os silêncios da história, esses terríveis pontos de suspensão em que ela não diz mais nada, e que são justamente seus acentos mais trágicos. Somente assim os mortos se resignarão a compreender seu destino, a conduzir suas dissonâncias a uma mais doce harmonia, a dizer, bem baixo, entre eles, a última frase de Édipo: “Porque essa história recebeu sua plena sanção.” Então, as sombras saúdam-se, acalmam-se e se deixam fechar em suas urnas. (MICHELET, 1976, p. 378)

O impacto desse tema na recepção micheletiana é significativo. Tanto quanto a suposta confusão entre sujeito e objeto denunciada na chave da história-ressurreição, as declinações em torno dessa língua impossível ajudaram a decidir o destino “literário” da leitura desse historiador. Com efeito, um de seus melhores intérpretes divisará nessa temática a prova-senão o sintoma – da modernidade de Michelet: “ele talvez tenha sido o

4 Salvo menção contrária, todas as traduções são de minha responsabilidade.

primeiro dos autores da modernidade a só poder cantar um canto impossível.” (BARTHES, 1988, p.349)

Embora problemática, a inscrição micheletiana na modernidade literária, ou seja, o reconhecimento de que sua obra oferece temáticas e desenvolvimentos que se acordam aos paradigmas de produção e interpretação literários caros à Modernidade, encontrou nesse “canto impossível” um de seus principais motes.⁵ Assim, Paul Viallaneix, em “Os silêncios da história”, relê a obra micheletiana, demonstrando o quanto ela reverbera e reelabora de maneira singular a vocação crítica própria à literatura moderna, qual seja, a de se colocar em causa continuamente (VIALLANEIX, 1975, p. 47-60). Em direção semelhante, Gaëtan Picon, ao propor uma reedição da obra *O Estudante* de Michelet, o fará aproximando seu clamor por uma literatura nova, feita numa nova língua, à mobilização estudantil de Maio de 1968. (PICON, 1970, p. 9-52). São textos, pois, que, partindo da análise das declinações em torno dessa “língua impossível” em Michelet, exploram as convergências entre a obra oitocentista e temas e questões modernos.

Outro viés aberto por essa mesma questão e adotado nesta abordagem vai em direção um pouco distinta: trata-se de investigar as origens dessa tópica micheletiana, suas primeiras manifestações. Nesse caso, uma pista se insinua nas citações já consignadas: se a “questão da linguagem” integra plenamente a historiografia de Michelet, parte de suas formulações registra-se, primeira e, em certos casos, principalmente, em seus papéis privados, em particular no *Diário* que manteve ao longo de toda a vida.

Mantido, com boa regularidade, até sua morte, o *Diário* de Michelet, oferecendo uma radiografia bastante explícita do sujeito privado, é, também, o laboratório no qual o autor experimenta e registra ideias, críticas e interpretações, o mais das vezes incorporados, posteriormente, à obra pública.⁶ Com efeito, o tema da necessidade de uma “nova língua” ou dos “silêncios da história”, inicialmente consignados no *Diário*, encontram reformulações na obra pública, assim como o problema da inalcançável “língua do povo” é glosa frequente nas anotações privadas. Esse trânsito constante entre a escrita íntima e a historiografia pública certamente

5 A inscrição problemática de Michelet na Modernidade foi tema de Barthes em dois artigos, “A Modernidade de Michelet” e “Michelet, hoje”, integrados à coletânea de artigos do autor, publicadas no Brasil sob o título “O rumor da língua”.

6 Para uma avaliação de cunho teórico dos textos privados de Michelet, ver, em especial, REY, 1993, p. 811-22; PETITIER, 2005. Igualmente proveitosa será a leitura das biografias de Michelet, dentre as quais destacamos as assinadas por Paule Petitier e Paul Viallaneix, citadas nas referências deste artigo.

colaborou para a plena integração dos registros privados ao *corpus* da obra do historiador.

Não obstante esse trânsito, Michelet, diferentemente de um de seus inspiradores na prática do diário, Rousseau, ou de alguns de seus contemporâneos, como os Goncourt, jamais pretendeu torná-los públicos. A versão hoje disponível é fruto do trabalho de Paul Viallaneix, editor e estudioso do autor. São quatro tomos, organizados segundo feixes temporais e que recobrem um período bastante vasto: as primeiras anotações remontam a 1828 e as últimas, ao ano da morte do autor, 1874. A esse conjunto de notas, contemporâneo e paralelo à composição da obra pública que celebrizará Michelet, acresce-se um tomo misto, intitulado *Escritos de Juventude*, onde o mesmo Viallaneix compilou um primeiro *Diário de Juventude* (mantido entre 1820 e 1823), um *Memorial*, um *Diário de Ideias*, exclusivamente voltado para a anotação dos temas de pesquisa e as reflexões do jovem Michelet (de 1818 a 1829), além de parte de sua correspondência e alguns textos do período jamais publicados: a tese de doutorado, uma lista das leituras realizadas entre 1818 e 1829, intitulada *Diário de leituras*, e uma alocução proferida para seus alunos do Colégio Sainte-Barbe, *Discurso sobre a unidade da ciência*. *Escritos de Juventude*, portanto, reagrupa um conjunto de notas de juventude, anteriores ao início de sua produção historiográfica, ecoando e registrando os passos de sua formação, temas, ideias e estudos que, potencialmente, informarão a obra por vir.

São esses *Escritos* que nos interessam neste texto. Não será surpresa descobrir nesses papéis de juventude as primeiras referências mais sistemáticas ao tema da linguagem. Assim, se tal assunto encontrará na obra subsequente formulações de valor original, em sua juventude, ele aparece, inicialmente, imerso no que haveria de mais típico do período. Com efeito, já foi amplamente comprovado como a linguagem constitui um tema fulcral para a *intelgentzia* do XIX, funcionando como um núcleo que federa especulações de ordem filológica e filosófica.⁷ Por outro lado, se tal tema funciona como o laço capaz de amarrar as anotações de Michelet a seu tempo, a maneira como ele é tratado pelo jovem estudioso oferece elementos peculiares. Mais especificamente, o protagonismo do tema da linguagem em suas notas juvenis, assim como o tratamento, ao mesmo tempo literário e historicista, que o caracteriza, trazem discussões e hipóteses acerca da interface entre a Literatura e a História cuja originalidade pode emprestar à

7 A esse respeito, o leitor poderá se reportar aos trabalhos já clássicos de Michel Foucault (*As palavras e as coisas*), Gérard Genette (*Mitologues*) ou Julia Kristeva (*Le langage, cet inconnu*), nos quais se pode encontrar informações relevantes acerca da maneira como a linguagem foi pensada nos Oitocentos francêss.

obra historiográfica posterior um interesse novo. Em particular, sua expectativa de que a linguagem, – considerada a partir de exemplos literários, – pudesse fornecer o calço científico para a afirmação da historiografia moderna aposta numa interface entre objeto literário e evento histórico que merece, por sua originalidade, uma maior atenção.

PRIMEIROS PASSOS: NO PRINCÍPIO, ERA O VERBO

Para a historiografia micheletiana, poderia valer a paráfrase do evangelho de São João: o princípio foi o verbo, e não há aqui nenhum exagero. Afinal, quando ainda nem seria possível falar em obra, quando a trajetória de Michelet não é sequer da ordem do esboço, lá está o tema da linguagem, atraindo e unificando seus primeiros voos juvenis. Particularmente evidente em seu *Diário de ideias* (1818-1829), tal tema impõe-se como protagonista na formação desse aprendiz de erudito.

É o que se pode constatar a partir dos registros em torno do que considerou como seu primeiro verdadeiro projeto de pesquisa, “intitulado”, inicialmente, “Caráter dos povos descoberto em seus vocabulários” (*Caractère des peuples retrouvé dans leurs vocabulaires*). Embora jamais concluído e se constituindo, tão somente, de anotações no diário, registros de leituras e algumas hipóteses e conclusões sem grandes preocupações formais, trata-se de seu primeiro esforço duradouro de pesquisa, de potencial impacto na obra por vir.⁸ A faculdade sintética de “Caráter” também se destaca no cotejo desse “projeto” com os outros “quase projetos” consignados no diário. Com efeito, tanto no “Ensaio literário sobre os historiadores latinos” (1818) quanto no “Ensaio sobre a cultura do homem” (1822) ou em “Os estudos do poeta” (1823), – nenhum deles desenvolvido muito além da formulação do título, – reencontraremos, sempre, os mesmos elementos, estruturais também para “Caráter”, a saber; a abordagem de um tema a partir da articulação entre filosofia, literatura e história, articulação fornecida pela via da linguagem.

Esse entroncamento de disciplinas e sua sutura operada pela questão da linguagem estão presentes desde a primeira anotação dedicada ao projeto de “Caráter”, com data de setembro de 1819. Dois meses após seu doutoramento, Jules Michelet, aos vinte e um anos, anota em seu *Diário das ideias*:

8 Que se tenha em mente que será no seio de tal projeto que Michelet descobre e, posteriormente, decide traduzir a obra magna de Giambattista Vico – a *Ciência Nova* –, tradução de grande impacto na concepção historiográfica do autor. Sobre o tema, ver REMAUD, 1998; LEFORT, 2002. Sobre a relação entre Vico e Michelet, peça licença para repertoriar, também, dois artigos meus: TEIXEIRA, 2012 e 2013.

Lendo Sófocles, concebi o projeto de um livro que eu teria condições de fazer: *Caráter dos povos descoberto em seu vocabulário*. Adiado. Então me perguntava o porquê de a língua francesa não mais ser poética e quis examinar essa questão por escrito. (MICHELET, 1959, p. 224)

O adiamento não implicará desistência do projeto: quatro anos se passam sem que o então professor do Colégio Sainte-Barbe abandone sua ideia central. Se ela não se concretiza num texto específico, resta que a hipótese de uma relação íntima entre os povos e sua língua servirá de impulso e norte para um estudo cada vez mais sistemático, contemplando, é claro, os domínios da Filosofia, da História e da Linguagem. Assim, em dezembro de 1823, lê-se no mesmo *Diário*:

Retomei o Caráter dos povos descoberto em seu vocabulário ou: O gênio e a história dos povos descobertos em sua língua (ou em seu vocabulário?) ou: A História descoberta nas línguas ou: O gênio dos povos descoberto em suas línguas ou: A história das instituições e dos costumes descoberta nas línguas ou: Sobre a linguagem em suas relações com a civilização ou: A história da civilização redescoberta nas línguas. Ver: Cesarotti, *Saggio sulla philosophia delle lingue*; o Crátilo de Platão; Vico: *De antiquissima Italorum sapientia*; Gibbon, capítulo 1, página 72 (...); Herder, livro IX, capítulo II (...); Mme de Staël, Alemanha, volume I, capítulo XII: Sobre a língua alemã e seus laços com o espírito da conversação (...); o conde de Maistre... Não haveria nada em Bacon? (MICHELET, 1959, p. 227)

Tanto ou mais do que o registro de obras a consultar, as dúvidas de Michelet quanto ao melhor título para o projeto referem-se à pluralidade de sentidos abertos a partir de um mesmo tema. No correr dessa nota, descobre-se que essas variações correspondem a uma tentativa de precisão do objeto e do tipo de abordagem a ser adotada. Mas se a interrogação “sobre a linguagem em suas relações com a civilização” (para retomarmos um dos títulos da lista acima) será o centro principal dos estudos de Michelet em seus anos de formação (ou seja, no período que antecede o começo de seu mais definitivo empreendimento: a escrita de uma *História da França*, cujos primeiros tomos datam de 1833), cabe lembrar que seu interesse pelo tema da linguagem nada tem de extraordinário.

Ao contrário, trata-se, sem dúvida, de um dos grandes núcleos de interrogação do período, compartilhado não apenas pelos contemporâneos mais próximos do historiador, mas por boa parte da intelectualidade dos Oitocentos, dentro e fora da França, – malgrado, conforme provoca André Chervel, a “vontade deliberada de inúmeros linguistas do século XX em ignorar toda a época ‘pré-científica’ de sua disciplina”.⁹ No centro desse debate, a abordagem histórico-comparatista da linguística não apenas supera o campo sincrônico da normatização da língua como implica a postulação de sistemas complexos e divergentes de interpretação do mundo.¹⁰ Ou seja, por detrás da definição acerca da relação entre os povos, sua história e sua língua agitam-se razões políticas, teorias filosóficas, concepções historiográficas, dimensões da moral e questões da literatura.

Herdando, do século XVIII, a pergunta sobre a origem das línguas, os Oitocentos cumprem a passagem da ontologia à heurística ao privilegiarem uma investigação de cunho histórico-comparativo. Mas tampouco abandonam as angulações “filosóficas” do tema da linguagem, deixando explícita a inscrição política, moral e estética de suas formulações.

É com esse espírito que as investidas de Michelet no terreno da linguagem moldariam sua formação. Assim, pensar a linguagem significou, também para ele, definir e enunciar concepções de ordem política, filosófica, histórica, moral e literária. Se não desatam quaisquer desses nós, suas anotações parecem especialmente propensas a destacar algumas direções. É claro que este texto não poderá tratar da transversalidade desse tema, pilar das anotações juvenis de Michelet, conforme ele merece. O que se propõe, então, será apenas acompanhar duas dessas direções: as manifestas tendências histórica e literária das anotações micheletianas, evidentes em suas anotações juvenis.

A TENDÊNCIA HISTÓRICA

A “tendência histórica” das anotações em torno de *Carácter* é um de seus traços mais manifestos. Conquanto tal tendência deva ser tomada, de novo, como uma característica geral das produções do período, sua adoção pelo jovem autor apresenta peculiaridades. Com efeito, desde as primeiras

9 CHERVEL, 1979, p. 3. Chervel afirma ainda: “desde a época da Restauração, o problema do signo está claramente associado ao da moral, numa sociedade cujas bases foram sacudidas pela Revolução e na qual o desafio, agora, era o de reconstituir um consenso nacional e reabilitar os valores da ordem, da moralidade e da responsabilidade pessoal.” (p. 4)

10 Ver, em particular, *Le langage, cet inconnu*, de Julia Kristeva, sobretudo os capítulos «L’encyclopédie: la langue et la nature» e «Le langage comme histoire».

notas, é evidente que a questão que move suas pesquisas bibliográficas não se ajusta a uma interpretação sincrônica e/ou autônoma da linguagem: seu caráter é, para utilizar uma terminologia mais familiar, menos linguístico do que historiográfico. As anotações indicam que, se a busca por um caráter próprio aos povos é interdependente de manifestações singulares de seu vocabulário, ela supõe, como dado de partida, a singularidade de sua história.

Um dos elementos que melhor demonstra o historicismo das concepções “linguísticas” de Michelet é sua opção, ao final daquele trecho em que lista os possíveis títulos de seu projeto, pelo termo “língua”, em detrimento de “vocabulário”. Essa preferência ressaltaria uma abordagem mais dinâmica da linguagem, contemplando “palavras isoladas e as combinações de palavras” e, por conseguinte, estaria explicitamente relacionada à expectativa de que, através da “língua de um dado povo, se pudesse descobrir seus costumes e, quem sabe, uma parte de sua história” (MICHELET, 1959, p. 228).

Essa tendência historicista responderá, então, por uma abordagem eminentemente historicizante do tema da linguagem. Ou seja, menos do que se inscrever nos debates em torno da origem das línguas, ou nas polêmicas em torno de suas leis de funcionamento e abordagem, Michelet parece, desde o início, mais interessado em apreender a linguagem como uma espécie de fóssil, capaz de conservar os dados circunstanciais da vida de um dado corpo social ao longo do tempo. Em outros termos, malgrado o evidente empuxo filosófico do jovem autor e apesar das referências propriamente “linguísticas” espalhadas aqui e acolá, as questões micheletianas desenham-se, já, sob o signo da historiografia. Se a preferência pelo termo “língua”, em detrimento de “vocabulário”, indicia tal disposição, a maneira como Michelet articula esses termos ao par gênio/história explícita ainda melhor a questão:

Com um certo número de exemplos bem escolhidos, pode-se revelar o gênio de um povo através de seu vocabulário. Mas para descobrir sua história, é necessário saber: 1º a história desse povo; 2º a história de sua língua. Essa última supõe uma leitura atenta de todos os seus autores, em todos os seus séculos. Existem histórias das línguas? (MICHELET, 1959, p.228)

A bem seguir a citação acima, Michelet não apenas separa história e gênio quanto aproxima o último termo (gênio) do que chama “vocabulário”. Mas, se o gênio de um povo revela-se através de seu vocabulário, a história desse mesmo povo estaria contida em algo mais dinâmico e mutável do que o léxico: sua língua, idealmente configurada pela “leitura atenta de todos os

seus autores, em todos os seus séculos”. Michelet parece propor, assim, dois grandes conjuntos, cada qual composto por pares à priori próximos, porém não intercambiáveis: de um lado, vocabulário e gênio, de outro, língua e história. A relação entre esses dois conjuntos seria de subtração: assim como o gênio ressoa a história sem com ela se confundir, também o vocabulário é parte da língua, mas não a esgota.

A diferença entre termos oriundos da mesma família – gênio e história; vocabulário e língua, – repercute, pois, uma separação de ordem sinestésica, já que o primeiro termo de cada par, – gênio e vocabulário, – remeteria, ao ver do autor, a uma espécie de estabilidade essencial, desafiada pelo segundo. Isso se torna mais claro quando nos concentramos no conjunto história e gênio, cujo primeiro elemento, conforme sabemos desde Aristóteles, costuma ser classificado como saber da contingência, enquanto o segundo remeteria, em particular no século XIX, ou bem a algo da ordem de um talento inato, disposição natural para certas coisas ou, no tocante à língua, àquilo que lhe caracteriza e especifica.¹¹ Consequentemente, a diferença que aqui se insinua entre o gênio de um povo (revelado por seu vocabulário) e sua história (contida, em potência, em sua língua) opõe, em certa medida, uma abordagem mais interessada em fornecer elementos para se pensar o ser ou a essência de um povo (próprias às filosofias da história) e uma ótica mais interessada nas variações de um corpo social ao longo do tempo (caras à historiografia *tout court* e, nesse caso, ao próprio Michelet).

Ainda digno de nota é o fato de, seguindo o trecho acima, não ser possível sequer depreender a história do gênio ou vice-versa, o que sinaliza um afastamento relativo a algumas das grandes correntes filosóficas do momento, em particular àquelas de extração romântica ou àquelas voltadas a estabelecer modelos materiais fixos de interpretação do passado.¹² Evidente que para um jovem ainda em busca do reconhecimento dos pares, esse afastamento ante aos modelos então assentes é interessante, na medida em que referenda afirmações posteriores acerca do caráter singular de sua historiografia.¹³

11 Recorro, aqui, a definições que podem ser encontradas em dicionários de língua da época. Ver, em particular, a entrada *gênio* na quinta edição, datada de 1789, do Dicionário da Academia francesa, disponível, junto a outros, na página a seguir: <http://portail.atilf.fr/cgi-bin/dico1look.pl?strippedhw=g%E9nie&headword=&docyear=ALL&dicoid=ALL&articletype=1>.

12 Sobre os românticos, destaco, aqui, a obra de Madame de Staël, em particular o *De la littérature* e o *De l'Allemagne* (este último presente na lista bibliográfica de Michelet). No segundo campo, destaco os modelos de tipo biológico, a exemplo do que estatui o primado da raça, do meio e do clima como prefiguração de um povo, que terá em Augustin Thierry um de seus representantes mais conhecidos.

13 O Prefácio de 1869, redigido para introduzir a primeira publicação completa de todos os volumes de sua *História da França*, retoma exemplarmente essa tópica da singularidade,

Tais cogitações acabam por definir a escolha final do título de sua pesquisa (não mais *Caráter dos povos descoberto em seu vocabulário*, mas *Caráter dos povos descoberto em sua língua*), indicando a direção de seu interesse linguístico.

... “em seu vocabulário” promete infinitamente menos do que “em sua língua”. No primeiro caso, os exemplos seriam escolhidos apenas a partir das palavras. No segundo, a partir de palavras, mas também de suas combinações. Isso compreenderia o caráter da gramática e, muito particularmente, da sintaxe, assim como os idiotismos independentes da sintaxe e, enfim, as locuções proverbiais. (MICHELET, 1959, p.228)

Assim, seguindo o *Diário*, o problema epistemológico que funda essa pesquisa de Michelet associa-se menos ao campo das interrogações acerca da natureza das línguas (ou da linguagem) do que de seu desenrolar na história. Reconhecendo que uma tal história das línguas, – composta a partir da “leitura atenta de todos os autores de todos os séculos”, – ainda não foi realizada, não hesita, porém, em tomá-la como condição de possibilidade de sua pesquisa, projetando um futuro no qual a presença de tais histórias viria a fornecer o calço científico que faltava para a afirmação disciplinar de uma historiografia pura.

Com efeito, quando tais observações tiverem sido repetidas e recolhidas em obras particulares sobre um grande número de línguas, não poderíamos classificar tais observações para delas extrair fórmulas gerais, de modo que, partindo dos costumes e da história de um dado povo, pudéssemos indicar precisamente o caráter de sua língua, e que (o que seria muito útil), partindo da língua de um dado povo, pudéssemos redescobrir seus costumes e, talvez, uma parte de sua história? Então, de fato, teríamos algo que poderia ser chamado de ciência. (MICHELET, 1959, p. 228)

Trata-se, com efeito, de um modelo dedutivo de razão, aparentemente muito mais interessado no desvendamento de uma história meio apagada ou completamente perdida do que na redescoberta ou, ainda,

afirmando-a a partir de análises críticas voltadas tanto para a matriz romântica quanto para outros projetos historiográficos contemporâneos ao seu (em particular, o de Thierry e o de Guizot). MICHELET, 1974, p. 11-27.

na boa compreensão de uma língua qualquer. Segundo essas anotações, tudo se passa como se Michelet considerasse a língua como mais apta (do que os costumes) a fornecer elementos fiáveis a partir dos quais seria possível descobrir e/ou comprovar uma história. Seria possível, assim, considerar que, para Michelet, só haveria história científica com as línguas. Em outros termos, para o jovem estudioso, a história só seria concebível enquanto projeto científico de conhecimento autônomo a partir do calço de um saber linguístico, administrado, é claro, pela *démarche* filosófica.

Não se trata de multiplicar citações e cozê-las aos montes; é preciso saber generalizar alguns comentários, deles extraindo princípios e, se possível, recorrendo aos exemplos apenas quando eles próprios se impõem de antemão. É preciso escolher não apenas no vocabulário, mas na língua. *É preciso demonstrar as revoluções das línguas, correspondentes às da sociedade. Uma tal obra, dispondo da prova de verdade fornecida pela história dos costumes, já conhecida, não teria como objetivo fazê-la conhecer, mas comprová-la. Para tomar de empréstimo uma expressão à aritmética, ela [a história das línguas] seria a prova da história dos costumes.* (MICHELET, 1959, p. 228, grifos meus)

Vê-se, assim, que o que o jovem Michelet almeja é encontrar uma base epistêmica nova a partir da qual a História pudesse afirmar-se como disciplina científica. Que essa base pudesse ser oferecida por uma história das línguas, capaz de comprovar aritmeticamente, através das variações lexicais, mas também das variações gramaticais, sintáticas, assim como dos “idiotismos” e das expressões proverbiais, as modificações sociais de cada povo em cada época é algo que, potencialmente, singulariza seu projeto face aos de seus contemporâneos. As dificuldades inerentes à construção de tal base, - “Como saber sempre e com precisão a qual época pertence tal palavra, quando tal outra locução começou ou deixou de ser empregada?”, - não inibem, no entanto, suas expectativas. Ao contrário, tais desafios constituem o cerne da pesquisa que tenta levar a cabo. Afinal, “se isso puder ser feito, tratar-se-á sem dúvida de uma verdadeira História da civilização descoberta nas línguas”.

TENDÊNCIA LITERÁRIA

A segunda característica desse projeto que, para efeito de padronização, batizamos “tendência literária”, também revela algo que,

partindo dos ares do tempo, constituir-se-á progressivamente como marca própria da historiografia micheletiana.

De fato, enquanto a diacronia histórica responde pelo privilégio assegurado à “língua” em detrimento do termo “vocabulário”, as menções a essa linguagem em movimento são extraídas, em sua maior parte, do mundo literário. É difícil precisar até que ponto essa confusão entre língua e texto foi voluntária e/ou consciente. Por um lado, o tipo de aprendizagem linguística a que fora submetido, – tipo clássico, assentado na leitura dos originais – ajuda a explicar essa propensão a fundir a língua na literatura, a pensar essa “combinação de palavras” quase sempre sobre o prisma da citação.¹⁴ Mas, por outro lado, não sendo esse tipo de formação privilégio seu, ele, no máximo, permitiria contextualizar essa tendência, sem, contudo, justificá-la.

A justificativa, no caso, talvez seja antes fruto de uma maneira não necessariamente pessoal, mas, antes, fundamentada em um certo exercício especulativo, de que dá testemunho o *Diário*, e que, sem ignorar o conceito romântico, – ou seja, autossuficiente, de literatura, – então recém-articulado, considera ou reconhece a validade de outras concepções do objeto literário. Assim, é para outro modelo de inteligibilidade da Literatura que veremos se voltar o autor, tanto quando relemos atentamente essas anotações de juventude, – sempre dispostas a condensar língua e literatura num mesmo campo, – mas também, e de maneira mais explícita, quando atentamos para o que pode ser o primeiro e único resultado direto da pesquisa cujas anotações acompanhamos. Pensa-se, aqui, no discurso de entrega de prêmios do Colégio Sainte-Barbe, proferido no final do ano letivo de 1825 e intitulado “Discurso sobre a unidade das ciências”. Rearticulando os pontos dispersos nas anotações diárias, Michelet, então, afirma:

É na história e na linguagem que podemos recolher o conhecimento do passado. A linguagem, não menos que a história, deve ser considerada como um vasto depósito para o qual os homens vêm trazer, século a século, o resultado de seus trabalhos, e em função do qual as raças extintas sobrevivem através das marcas indelévels que deixaram de seu caráter. *A história nos conserva a vida ativa de nossos pais; já a filiação das línguas, a sequência de monumentos literários representa sua vida intelectual naquilo que ela teve de mais popular, no*

14 Pensa-se aqui no fato de a aprendizagem das línguas (em particular das línguas mortas) se fazer prioritariamente através dos clássicos da Antiguidade. Porém, também se pode evocar a relação entre linguagem e poesia promovida pela cultura letrada dita “romântica” da primeira metade do século.

que toca de mais perto seu pertencimento à espécie humana.
(...)

As ações que a história nos conta, os signos que compõem a linguagem não são mais do que expressões diferentes de uma mesma coisa, do pensamento. (...) Observem, de fato, com quanta fidelidade as mudanças nos costumes e as vicissitudes políticas são representadas pela mobilidade contínua da linguagem. (MICHELET, 1859, p. 293)

O acordo entre a história sociopolítica (“as mudanças nos costumes e as vicissitudes políticas”) e a história da linguagem (que, ao ver de Michelet, concretiza-se “na sequência de monumentos literários”), asseverado por esse trecho, repercute aquela vocação comprobatória própria aos registros linguísticos, mencionada mais acima. A prova aritmética, – e “mais indelével”, – fornecida pelos monumentos literários repousaria, então, na ideia de uma coincidência íntima entre palavras e ações, ambas concordes ao pensamento que as realizou, o qual, por seu turno, varia segundo as épocas, traduzindo, com precisão, as diversas concepções de mundo dominantes em cada período. É o que se exemplifica na continuação do texto, quando evoca as variações estilísticas que caracterizaram alguns literatos latinos como um índice seguro das mudanças históricas que Roma conheceu:

Comparem a língua latina com ela mesma, primeiro nos magníficos discursos de Cícero, depois nas obras brilhantes de Sêneca e, enfim, nessas custosas notas escritas por Plínio, o Jovem; vocês redescobrirão as mudanças na constituição e nos costumes públicos através das mudanças nos estilos, verão as palavras seguindo o curso das coisas, a história política recontada pela história da linguagem. Que a primeira se perca, ainda assim sempre poderemos perceber que Cícero fala para um grande povo, um povo livre, que Sêneca reúne forças contra a tirania e que, enfim, sob um governo mais doce, o amigo de Trajano prodigaliza um alegre passatempo que em nada ativa a saudade da liberdade para sempre perdida. (MICHELET, 1859, p. 293; grifos meus)

Assim, ainda que nada soubéssemos acerca da decadência da República, ao ver do jovem Michelet, sua história estaria preservada nas variações de estilo, ou seja, nas alterações formais apresentadas por seus grandes escritores. É evidente que o entendimento de literatura proposto aqui não se associa exatamente ao campo literário reconfigurado pela

Modernidade, a partir do Romantismo. Afinal, a “sequência de monumentos literários” (exemplificados por Cícero, Sêneca e Plínio, o Jovem) afirma-se, aqui, não como expressões do talento singular do gênio criador, mas como a “representação mais popular da vida intelectual dos povos”, sua “língua” ou, ainda, seu “pensamento”. Se as “palavras seguem o curso das coisas”, se as ações e os signos “não são mais do que expressões diferentes (...) do pensamento”, a história literária, – que o jovem Michelet chama, ainda, de história da língua, – de fato será a prova aritmética, ou seja, o mais seguro testemunho da história dos povos, e isso não apenas pelo quê ela narra, mas, sobretudo, pela forma como o faz.

Essa concepção das variantes estilísticas como representação perfeita das variantes sociopolíticas de um dado povo, na medida em que fornece uma chave de aproximação entre história e literatura, não implica, porém, um dado assente e amplamente partilhado pela inteligência letrada do período. Antes (e conforme deixa claro a nota a seguir), trata-se de uma ideia, uma “semente a ser cultivada”:

Há, nas páginas 5 e 6 do meu discurso [de distribuição de prêmios do Colégio Sainte-Barbe], uma ideia que talvez me seja útil, e em diversos sentidos, desenvolver: falo da aliança entre literatura e história. Trata-se de uma semente a ser cultivada. Poderia torná-la tema de um texto (...) e, mais tarde, tentar convencer a Universidade a unir os ensinos de história literária e história política. Isso daria a ocasião para trabalhos muito úteis. (...) Talvez se pudesse fazer um curso particular de retórica, no qual se resumisse toda a história através de uma história literária do espírito humano. A literatura seria compreendida aí, sobretudo, como expressão dos costumes. Funcionaria como um ponto de sutura, a partir do qual demonstraríamos aos alunos que tudo o que apreenderam até agora é uma só e mesma ciência. (MICHELET, 1959, p. 234)

A concepção de um projeto cuja hipótese de partida aposta numa relação intrínseca, porém ainda inexplorada, entre a história e a linguagem (sobretudo literária) representa o ponto de partida em função do qual começou a sonhar com essa aliança. Que fique claro que essa aliança, por se tratar de uma possibilidade e não de um dado de partida, nos dispõe em face de um contexto que, diferentemente do que se costuma pensar, não necessariamente admitiria a integração pura e simples entre história e

literatura.¹⁵ Mais relevante ainda seria considerar que a interface entre história e literatura, tal como concebida pelo jovem Michelet, não se confunde com uma escrita literária da história, mas, ao contrário, postula uma historiografia cuja cientificidade dependeria, em grande medida, do recurso à literatura, não apenas como um de seus objetos, mas como sua potencial prova científica.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Embora plenamente integrada aos ares do tempo, as investidas do jovem Michelet em torno do problema da linguagem resultam em proposições cujo interesse e originalidade podem impactar o entendimento que, tradicionalmente, se empresta à historiografia micheletiana. Diferentemente da concepção mais assente, segundo a qual o valor de sua obra determina-se, principalmente, pela sua literariedade, ou seja, por sua capacidade de escrever a história à moda da literatura, as hipóteses e assertivas que encontramos em seus *Escritos de Juventude* deixam ver o nascimento de uma historiografia que interpela a linguagem e seus produtos literários, considerando-os não exatamente como testemunhos de gênios singulares (seja o gênio de um povo, seja o de seus gênios criadores), mas como figurações do pensamento e testemunhos fiáveis de um passado comum.

Em outros termos, a linguagem entendida como um duplo do pensamento e das ações dos diversos povos, a literatura tomada como prova (aritmética) da história e o estilo pensado como testemunho mais verídico de um tempo são noções que, se integradas à historiografia micheletiana, permitiriam problematizar a relação dessa obra com a literatura. Mais do que

15 A ideia de que a historiografia micheletiana e, mais amplamente, aquela praticada pelos de sua geração (a dita historiografia romântica) caracterizar-se-ia por uma compreensão não problemática, senão ingênua, acerca das diferenças entre história e literatura aparece tanto em leituras de historiadores quanto na recepção literária do autor. A título de exemplo, cito o comentário paradigmático de Philippe Ariès, o qual, embora mais explícito do que outros, reverbera uma tópica frequente da fortuna crítica de Michelet. Cito Ariès: “O historiador romântico, Augustin Thierry ou Michelet, propunha-se a evocar o passado, fazê-lo reviver com todos os seus aspectos pitorescos e saborosos, com a sua cor própria. No relato autêntico dos acontecimentos passados, os historiadores procuravam o mesmo desenraizamento que poetas e romancistas pediam à ficção, e à ficção histórica. Ora, essa preocupação de desenraizamento, que dali em diante orientava o historiador para o quadro vivo, era justamente um sentido rudimentar da diferença entre os tempos. Rudimentar, porque se satisfazia com uma evocação simplesmente pitoresca e permanecia na superfície das coisas: era mais o gosto das curiosidades do que o das variações em profundidade da estrutura mental ou social.” (ARIÈS, 1989, p. 212)

um poeta da história, Michelet figuraria, então, como um pensador da literatura, em sua relação com o passado. E, nesse caso, os recursos literários de que dá largas provas (tanto pela via do estilo próprio a Michelet quanto na maneira como evoca e interpreta autores e problemas da literatura), reavaliados à luz de uma concepção do ato poético entendido como fundamento científico para a historiografia, dispõem tal obra como um manancial rico, e ainda pouco explorado, acerca dos modos de articulação entre história e literatura, historiografia literária e historiografia *tout court*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *O tempo da história*. Trad. de Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CHERVEL, André. Le débat sur l'arbitraire au XIXe siècle. *Romantisme*, n. 25-26, p. 3-33, 1979.

LEFORT, Claude. *La cité des vivants et des morts*. Paris: Belin, 2002.

KRISTEVA, Julia. *Le langage, cet inconnu*. Paris : Seuil, 1981.

MICHELET, Jules. *Écrits de Jeunesse – Journal (1820-1823) – Mémorial – Journal des Idées*. Paris : Gallimard, 1959.

_____. *Journal, tome I (1828-1848)*. Paris: Gallimard, 1859.

_____. *Journal, tome II (1829-1860)*. Paris: Gallimard, 1859.

_____. Préface de 1869. In: *Oeuvres complètes, t. IV – Histoire de France, t. I*. Paris : Flammarion, 1974, pp. 11-27.

PETITIER, Paule. *Jules Michelet – l'homme-histoire*. Paris : Grasset, 2006.

_____. Du clivage au conflit: la représentation du social par l'intime chez Michelet. In: ZANONE, MASSOL (org). *Le moi, l'histoire : 1798-1848*. Grenoble : ELLUG, 2005, pp. 169-186.

_____. L'Intime et le social. In: *Littérature et Nation: Michelet et la "question sociale"*. Tours: Université François-Rabelais, n. 18, 1997, p.187-203

REMAUD, Olivier. *Michelet – la magistrature de l'histoire*. Paris: Michalon, 1998.

REY, Jean-Michel. Michelet revisitant ses livres. In: *Études*, Paris, n. 3787, p.811-22, jun. de 1993.

PICON, Gaëtan. Michelet et la parole historienne. In: MICHELET. *L'Étudiant*. Paris: Seuil, 1970.

TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. Ritmo e contraponto: sobre a influência de Vico na teoria historiográfica de Michelet. In: GUIDO, SEVILLA, SILVA NETO (org.). *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 323-42.

_____. O pecado do historiador: para uma leitura d'A *Feiticeira*, de Jules Michelet. In: *Topoi. Revista de História*. v. 14, n. 27, jul.-dez. 2013. http://www.revistatopoi.org/numero_atual/artigo_09.php.

VIALLANEIX. Les silences de l'histoire. In: *Romantisme-Études Romantiques: Michelet cent ans après*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1975, p. 47-60.

_____. *Michelet, les travaux et les jours – 1798-1874*. Paris: Gallimard, 1998.

Data de recebimento: 15 mar. 2014.

Data de aprovação: 30 maio 2014.